

Romance

«Uma história
maravilhosa
e inspiradora que
me fez chorar.»

LESLEY PEARSE

A CARTA

O livro que garantidamente irá partir o seu coração

Kathryn Hughes

Autora bestseller internacional

TOP
SEL
LER

Para Rob, Cameron e Ellen

PRÓLOGO

Presente

Era nas pequenas coisas que ela sentia prazer. O burburinho ténue de um zangão peludo e enorme atarefadamente a saltitar de flor em flor, inconsciente de que estava a completar uma tarefa de que toda a humanidade dependia. A fragrância inebriante e a abundância gloriosa de cor fornecidas pelas ervilhas-de-cheiro que ela cultivava no canteiro de legumes, apesar de o espaço poder ser entregue às suas parentes mais comestíveis. Depois a visão do seu marido a esfregar as costas doridas enquanto punha fertilizante no roseiral sem se queixar quando havia mil coisas que ele preferia estar a fazer.

Ao ajoelhar-se para arrancar algumas ervas-daninhas, sentiu a mão da neta a entrelaçar-se na dela, tão pequenina, quente e confiante. Era outra coisa pequena, uma que lhe dava o maior dos prazeres, que sempre lhe deixava um sorriso nos lábios e fazia-a sentir o coração apertado.

— O que estás a fazer, avó?

Ela virou-se e olhou para a amada neta. As bochechas da menina estavam rosadas pelo sol da tarde e ela tinha manchas de terra no narizito. Sacou do seu lenço de bolso e limpou-as.

— Estou a arrancar estas ervas daninhas.

— Porquê?

Ela refletiu nisto por um segundo.

— Bem, elas não pertencem aqui.

— Ah. Então onde é que pertencem?

— São apenas ervas daninhas, querida, não pertencem a lado nenhum.

A neta espetou o lábio inferior para fora e franziu o sobrolho.

— Isso não é muito simpático. Tudo pertence a algum lado.

Ela sorriu e plantou um beijo no topo da cabeça da criança ao mesmo tempo que olhava em frente para marido. Embora o cabelo outrora escuro dele estivesse agora sarapintado de cinzento e o rosto fortemente marcado por rugas, os anos não o tinham abatido demasiado e ela agradecia todos os dias por tê-lo encontrado. Contra todas as probabilidades, os seus caminhos tinham-se cruzado, e agora ambos pertenciam um ao outro.

Ela virou-se de novo para a neta.

— Tens razão. Vamos pô-las de volta.

Ao escavar um pequeno buraco, ficou maravilhada com as coisas que se podiam aprender com as crianças, o quanto se subestimava a sua sabedoria ou até se ignorava.

— Avó?

Ela foi acordada do sonho acordado.

— Sim, amor.

— Como é que tu e o avô se conheceram?

Ela levantou-se e pegou na mão da neta. Afastou uma mecha de cabelo dourado do seu pequeno rosto.

— Bem, vejamos então. Essa é uma longa história...

PRIMEIRA PARTE

1

Março de 1973

Desta vez ela ia morrer, disso ela estava certa. Sabia que devia apenas ter alguns segundos de sobra e rezou em silêncio para que acabasse depressa. Conseguia sentir o sangue peganhento e morno a escorrer-lhe pela nuca. Tinha ouvido o som doentio do seu crânio a estalar quando o seu marido lhe bateu com a cabeça contra a parede. Havia algo na sua boca que parecia um bocado de gravilha; sabia que era um dente e tentou desesperadamente cuspi-lo. As mãos dele estavam tão fortemente entrelaçadas à volta da sua garganta que lhe era impossível inspirar ou fazer qualquer tipo de som. Os seus pulmões gritavam por oxigénio e a pressão na parte de trás dos seus olhos era tão intensa que ela tinha a certeza de que iam saltar das órbitas. A sua cabeça começou a flutuar, e então, graças aos céus, ela começou a desfalecer.

Ouviu o som há muito esquecido da campainha da escola e subitamente ela tinha novamente cinco anos. A balbúrdia das outras crianças era quase abafada pelo incessante tinido. Quando gritou para elas pararem, apercebeu-se de que afinal de contas tinha voz.

Fitou o teto do quarto por um segundo e depois semicerrou os olhos para o despertador que acabara de a acordar do sono. Um suor frio escorria-lhe pela espinha e ela agarrou-se aos lençóis, puxando-os até ao queixo num esforço para saborear o calor durante mais alguns segundos. O seu coração ainda estava a bater depois do pesadelo e bufou levemente pela boca. O seu bafo quente pairou no ar frígido do quarto. Com um enorme esforço içou-se da cama e fez uma careta quando os seus pés tocaram na aspereza fria do chão de madeira. Olhou de soslaio para Rick, que felizmente ainda estava a dormir profundamente, a ressonar

com os efeitos da garrafa de uísque que tinha bebido na noite anterior. Verificou que os cigarros dele ainda estavam sobre a mesinha de cabeceira onde ela os tinha colocado com cuidado. Se havia coisa que garantidamente poria Rick de péssimo humor, era não conseguir encontrar os cigarros de manhã.

Ela entrou sorrrateiramente na casa de banho e fechou a porta devagarinho. Provavelmente seria precisa uma explosão não vista desde Hiroshima para acordá-lo, mas Tina não ia arriscar. Encheu uma bacia para se lavar, a água gelada como sempre. Por vezes, tinha de se escolher entre alimentarem-se a eles próprios ou alimentar o contador. Rick perdera o emprego nos autocarros, por isso havia pouco dinheiro para o aquecimento. Mas o suficiente para bebida, cigarros e jogo, comentou ela no silêncio do seu cérebro.

Desceu as escadas, encheu a chaleira e colocou-a ao lume. O rapaz dos jornais já tinha passado e ela tirou os jornais distraidamente pela caixa do correio: *The Sun* para ela e *The Sporting Life* para Rick. O cabeçalho chamou-lhe a atenção. Era a Grande Corrida Nacional. Os seus ombros descaíram e ela estremeceu ao pensar em todo o dinheiro que Rick iria esbanjar nas corridas. Era quase certo de que já estaria bêbedo por volta da hora do almoço para se aventurar até à casa das apostas, e teria de ser a Tina fazer a aposta. A casa de apostas ficava ao lado da loja de caridade onde ela ajudava aos sábados, e o agente de apostas, chamado Graham, tornara-se um amigo íntimo ao longo dos anos. Apesar de trabalhar toda a semana como estenógrafa num escritório de seguros, Tina ansiava pelo dia de trabalho na loja de caridade. Rick tinha-lhe dito que era ridículo que ela passasse o dia voluntariamente a organizar roupa de pessoas mortas quando podia trabalhar numa loja como deve ser e contribuir ainda mais para os cofres da família. Para Tina, era uma desculpa para passar o dia longe de Rick, e ela gostava de falar com os clientes e ter conversas normais onde não tinha de ter cuidados com todas as palavras que dizia.

Ligou o rádio e diminuiu um bocadinho o volume. Tony Blackburn conseguia sempre fazê-la sorrir com as suas piadas estereotipadas. Estava agora mesmo a anunciar o novo *single* de Donny Osmond, *The Twelfth of Never*, quando a chaleira começou a dar o assobio oco. Agarrou-a antes que o barulho se tornasse demasiado esganiçado e deitou duas colheradas de folhas de chá na velha chaleira manchada. Sentou-se à mesa da cozinha enquanto esperava que o chá se fizesse, e abriu o

jornal. Susteve a respiração quando ouviu o autoclismo no andar de cima. Ouviu o soalho a ranger quando Rick regressou para cama, e exalou de alívio. Depois petrificou quando ele chamou:

— Tina! Onde é que estão os meus cigarros?

Fogo. Ele fuma como uma chaminé.

Ela levantou-se de um salto e subiu os degraus das escadas dois a dois a correr.

— Na tua mesa de cabeceira onde os pus ontem à noite — respondeu ela, chegando ao pé dele, ofegante.

Ela passou a mão sobre a mesa na penumbra mas não os sentiu. Engoliu em seco, cada vez mais em pânico.

— Tenho de abrir um bocadinho os cortinados. Não consigo ver.

— Por amor de Deus, mulher! É pedir muito que um homem possa fumar um cigarro quando acorda? Estou com vômitos.

O seu bafo azedo matinal fedia a uísque rançoso.

Por fim, encontrou os cigarros no chão entre a cama e a mesa de cabeceira.

— Aqui estão eles. Deves tê-los deitado abaixo enquanto dormias.

Rick fitou-a por um momento antes de levantar a mão e tirar-lhe o maço das mãos. Ela encolheu-se e, por instinto, cobriu o rosto com as mãos. Ele agarrou-lhe no pulso e os olhos de ambos olharam-se por um segundo antes de Tina fechar os seus e evitar as lágrimas.

Ela lembrava-se da primeira vez que Rick lhe batera como se tivesse sido ontem. Só a memória disso fazia-lhe arder a bochecha. Mas não era apenas a dor física, mas a realidade nua e crua de que as coisas nunca mais voltariam a ser as mesmas. E ter acontecido na sua noite de núpcias tornava ainda mais difícil de aceitar. Até esse momento o dia tinha sido perfeito. Rick estava tão bonito no novo fato castanho, camisa creme e gravata de seda. O cravo branco na lapela confirmava que ele era o noivo e Tina pensava que era impossível amar alguém mais do que ela o amava. Todos lhe tinham dito que ela estava maravilhosa. O seu cabelo escuro e comprido estava apanhado num coque folgado e entrelaçado com flores pequeninas. Os seus olhos azul-claros brilhavam por trás de pestanas espessas falsas e a sua compleição radiava uma beleza natural que dispensava cosméticos. A festa após o casamento foi um evento agradável num hotel local nada caro, e o feliz casal e os convidados tinham dançado durante a noite toda.

Quando se preparavam para se deitar nessa noite no quarto de hotel, Tina reparou que Rick estava invulgarmente silencioso.

— Estás bem, amor? — perguntou ela. Colocou os braços à volta do pescoço dele. — Foi um dia maravilhoso, não foi? Não posso acreditar que sou finalmente a Sra. Craig. — Ela afastou-se dele de súbito. — Ei, tenho de treinar a minha nova assinatura. — Pegou numa caneta e papel que havia na mesa de cabeceira e escreveu Sra. Tina Craig com um floreado.

Rick continuou sem dizer nada; apenas fitou-a. Acendeu um cigarro e serviu-se de um copo de champanhe baratucho. Engoliu-o de um só trago e foi até onde Tina estava sentada na cama.

— Levanta-te — ordenou ele.

Tina ficou confusa com o tom dele mas fez o que lhe pediu.

Rick ergueu a mão e bofeteou-a fortemente no rosto.

— Nunca mais me faças de parvo. — E, com isto, saiu do quarto.

Passou a noite tombado no salão do hotel rodeado de copos vazios, e só dias depois é que ele disse a Tina exatamente qual tinha sido a sua transgressão. Pelos vistos ele não tinha gostado do modo como ela tinha dançado com um dos colegas de trabalho dele. Tinha olhado para ele de forma demasiado provocadora e flirtado com ele à frente dos convidados. Tina nem conseguia lembrar-se do homem, para não dizer do incidente, mas este foi o princípio da fixação paranoica de Rick de que ela se atirava a todos os homens que lhe apareciam à frente. Ela, por vezes, perguntava-se se devia tê-lo deixado nesse mesmo dia. Mas era uma romântica inveterada e queria dar ao seu casamento inexperiente todas as hipóteses de ter sucesso. Estava certa de que o incidente era único, e Rick reprimiu quaisquer dúvidas mesquinhas quando a presenteou com um buquê como forma de desculpa. Tal era o seu remorso e arrependimento que Tina não hesitou em perdoá-lo imediatamente. Só alguns dias depois é que ela reparou num cartão enterrado entre as flores. Sorriu para si ao tirá-lo. *Com ternas saudades da nossa amada Nan*, leu. A besta tinha roubado as flores de uma campa no cemitério!

Agora, quatro anos depois, fitaram-se um ao outro durante mais um segundo antes de Rick a largar.

— Obrigado, amor. — Ele sorriu. — Agora sê uma boa menina e traz-me chá.

Tina exalou com alívio e esfregou o pulso avermelhado. Desde aquele incidente na noite de núpcias, ela tinha jurado que não ia ser uma vítima. Nem pensar que ia ser uma daquelas esposas agredidas que inventavam desculpas para o comportamento vil dos maridos. Tinha havido imensas vezes em que ela tinha ameaçado sair de casa, mas mudava de ideias no último minuto. Rick ficava tão arrependido e humilde e, é claro, prometia nunca mais levantar-lhe a mão. Mas ultimamente ele andava a beber muito mais e os seus vaipes eram mais frequentes. Finalmente tinha chegado a hora em que ela não seria capaz de aguentar mais.

O problema era que ela não tinha para onde ir. Não tinha família, e embora tivesse alguns amigos próximos, nunca seria capaz de chegar ao ponto de lhes pedir para a acolherem. Era o ordenado dela que pagava a renda da casa, mas nunca na vida Rick sairia de casa voluntariamente. Por isso tinha começado a montar um fundo de fuga. Precisava de dinheiro suficiente para fazer um depósito e a renda de um mês para uma casa nova, e depois estaria livre. Era muito mais difícil do que parecia. Ela raramente tinha dinheiro de sobra para poupar, mas independentemente de quanto demorasse, ela estava determinada a sair de casa.

O jarro velho de café que ela tinha escondido no fundo do armário da cozinha estava cada vez mais cheio, e agora tinha pouco mais de 50 libras. Mas tendo em conta que a renda até para o T0 mais básico exigia oito libras por semana, mais um depósito de pelo menos 30, ela precisaria de poupar muito mais antes de poder fugir. Por enquanto aproveitaria a vida ao máximo, mantendo-se longe de Rick tanto quanto possível e tentando não o enervar.

Ela levou-lhe o chá ao andar de cima, juntamente com o *The Sporting Life* enfiado debaixo do braço.

— Aquí tens — disse ela, a tentar soar alegre.

Não houve resposta. Ele estava outra vez a dormir profundamente, encostado à almofada, de boca aberta, com um cigarro equilibrado precariamente no lábio inferior seco e rachado. Tina pegou nele e apagou-o.

— Pelo amor de Deus! Ainda nos matas aos dois — murmurou ela.

Pousou a caneca e ponderou o que fazer. Deveria acordá-lo e sujeitar-se à raiva dele? Ou deveria apenas deixar o chá na mesa de cabeceira? Quando ele acordasse, estaria sem dúvida gelado, o que certamente

deixá-lo-ia furioso, mas nessa altura ela esperava já estar na loja e fora de perigo. A decisão foi feita por ela quando ele se mexeu e abriu os olhos a custo.

— Tens aqui o teu chá — disse ela. — Vou agora à loja. Ficas bem? Rick içou-se sobre os ombros.

— Tenho a boca seca como a de um camelo — fungou ele. — Obrigada pelo chá, amor.

Ele deu uma palmadinha na colcha, indicando para ela se sentar. — Vem aqui.

Era assim a vida com Rick. Ele era um rufia maldoso e rancoroso primeiro e depois um rapaz do coro angelical.

— Desculpa por há bocado. Sabes, por causa dos cigarros? Eu nunca te magoaria, Tina, sabes disso.

Tina mal podia acreditar no que ouvia, mas nunca era boa ideia contradizer Rick por isso apenas anuiu.

— Olha — continuou ele. — Podes fazer-me um favor?

Ela soltou um suspiro pequeno e inaudível e levantou os olhos para o teto. *Lá vamos nós.*

— Podes ir fazer uma aposta por mim?

Ela não conseguia morder mais a língua.

— Achas que isso é boa ideia, Rick? Sabes bem como as coisas são difíceis. Comigo só a ganhar, não sobra muito dinheiro para coisas como o jogo.

— *Comigo só a ganhar* — imitou Rick. — Nunca perdes uma oportunidade para meter essa bucha, pois não, sua vaca hipócrita? — Tina ficou momentaneamente assustada pela reação malvada dele, mas ele ainda não tinha acabado. — É a Grande Corrida Nacional, por amor de Deus! Toda a gente faz apostas hoje.

Ele levou a mão ao chão, pegou nas calças que estavam para onde as tinha atirado na noite anterior e tirou um rolo de notas.

— Estão aqui 50 notas. — Arrancou a tampa do maço de cigarros e escreveu o nome de um cavalo na parte de trás. — Cinquenta libras para ganhar.

Ele entregou-lhe o dinheiro e o bocado de cartão. Tina estava pasmada.

— Onde é que foste arranjar isto? — Ela ergueu o rolo de notas.

— Bem, não tens nada a ver com isso, mas, já que perguntas, ganhei-o nos cavalos. Pronto, estás a ver, quem é que diz que não vale a pena?

Mentiroso.

Ela tinha a cabeça à roda e sentia o pescoço começar a ficar quente.

— Isto é mais do que uma semana de ordenado para mim, Rick.

— Eu sei. Não sou inteligente? — respondeu ele com arrogância.

Ela juntou as mãos como se para rezar e levou-as aos lábios. Tentou permanecer calma enquanto soprava levemente por entre os dedos.

— Mas este dinheiro podia pagar a nossa conta de eletricidade ou a comida de um mês inteiro.

— Fogo, Tina! És uma seca.

Ela abanou as notas nas mãos trementes. Sabia que não era fisicamente capaz de entregar tamanha quantidade de dinheiro a um apostador.

— Não podes tu fazê-la? — suplicou ela.

— Tu trabalhas mesmo ao lado da maldita casa de apostas, nem sequer te estou a pedir para ires dar uma grande volta.

Tina conseguia sentir as lágrimas a começarem a arder-lhe nos olhos mas estava decidida. Levaria o dinheiro e discutiria com Graham sobre o que fazer. Ela já tinha levado dinheiro de Rick para uma aposta e não a tinha feito. O cavalo tinha inevitavelmente perdido e ele não se tinha dado conta. No entanto, Tina sentiu que tinha envelhecido cerca de 10 anos durante o curso daquela corrida, e desta vez era diferente. Os riscos eram muito maiores agora. *Cinquenta libras, por amor de Deus.*

Súbita e inexplicavelmente ela deu por si em pânico. Sentiu o calor a subir-lhe pelos pés até à nuca e teve dificuldade em respirar. Saiu do quarto, murmurando desculpas sobre ter deixado a torrada na torradeira, e desceu as escadas a correr até à cozinha. Trepou para cima de um banco e chegou ao fundo do armário, a apalpar à procura do frasco de café que continha o dinheiro da fuga. Os seus dedos encontraram a forma familiar e ela tirou o frasco e agarrou-o junto ao peito. As mãos tremiam enquanto ela tentava desatarraxar a tampa. As palmas suadas não seguravam como era preciso e ela procurou o pano de cozinha. Por fim, a tampa cedeu e ela espreitou para dentro. Só havia uns cobses. Abanou o frasco e olhou outra vez, como se os seus olhos a tivessem enganado na primeira vez.

— Filho da mãe! — gritou ela. — Filho da mãe, filho da mãe, filho da mãe!

Começou a chorar, abanando os ombros com os soluços tremendos.

— Pensaste que conseguias enganar-me, não foi?

Ela sobressaltou-se e virou-se, e viu Rick encostado à porta, com outro cigarro pendurado nos lábios e a usar apenas o colete manchado de chá cada vez mais cinzento e cuecas porcas.

— Tu tiraste-o! Como foste capaz? Trabalhei dias inteiros para poupar esse dinheiro. Levei meses.

Ela deixou-se cair no chão e baloiçou-se para trás e para a frente, agarrando ainda o frasco quase vazio. Rick aproximou-se e puxou-a para cima.

— Controla-te. O que é que esperas quando escondes dinheiro do teu próprio marido? Para que é que estás a poupar afinal?

Para fugir de ti, seu desperdício de espaço bêbedo e manipulador.

— Era para ser uma... surpresa, sabes, umas pequenas férias para nós. Pensei que uma pausa nos faria bem aos dois.

Rick ponderou isto por um segundo e depois relaxou a mão fechada no braço de Tina. Franziu o sobrolho com dúvida.

— Uma boa ideia. Fazemos assim, quando aquele cavalo ganhar, vamos ter umas férias de primeira categoria, se calhar até vamos ao estrangeiro.

Tina anuiu miseravelmente e limpou os olhos.

— Vai limpar-te. Vais chegar atrasada ao trabalho. Vou voltar para a cama. Estou de rastos.

Plantou um beijo do topo da cabeça dela e voltou para o andar de cima.

Tina ficou sozinha no meio da cozinha. Nunca se tinha sentido tão infeliz ou desesperada na sua vida, mas estava determinada a não fazer aquela aposta. Aquelas 50 libras eram suas, e nem pensar que iam ser desperdiçadas numa corrida de cavalos, fosse o Grande Dia Nacional ou não. Pegou no dinheiro e enfiou-o na mala, depois olhou apressadamente para o nome que Rick tinha escrito no maço de cigarros.

Red Rum.

Espero bem que não ganhes, maldito.

Tina chegou à loja e procurou as chaves na mala. Apesar do aviso na porta da loja a pedir para não o fazerem, alguém tinha deixado um saco de roupas velhas à porta. Era inconcebível para Tina que alguém fosse de facto roubar roupas que tinham sido doadas à caridade, mas já tinha acontecido em várias ocasiões. Até nesta altura economicamente negra de greves e apagões, ainda surpreendia o quão baixo algumas pessoas

conseguiam chegar. Ela pendurou a mala ao ombro, destrancou a porta e entrou. Após dois anos a trabalhar ali, o cheiro do lugar ainda a fazia franzir o nariz. A roupa em segunda mão tinha um odor muito próprio e era comum em todas as lojas de caridade ou bazares que se entrava. Naftalina misturada com suor podre e biscoitos.

Tina pôs a chaleira ao lume pela segunda vez naquela manhã e abriu o saco. Tirou um fato antigo e segurou-o no ar para o examinar. Era muito velho mas incrivelmente bem-feito e de uma qualidade tal como ela nunca encontrara antes. Era de um tom esverdeado invulgar, com uma risca dourada muito ténue, feito inteiramente de lã.

A campainha da porta da loja tocou, fazendo-a parar a inspeção.

— Belo fato, ah... cor linda. Não admira que quisessem livrar-se dele!

Era Graham da casa de apostas ao lado.

— Bom dia. Estou admirada por teres tempo para conversa de chá hoje — brincou Tina.

— Pois, é o dia mais concorrido do ano para mim, mas não estou a queixar-me — respondeu ele, esfregando as mãos uma na outra. — O Nigel vai abrir por isso tenho uns minutos.

Tina deu-lhe um abraço carinhoso.

— Bem, é bom ver-te.

— Como é que estás hoje, então?

Era uma pergunta carregada de significado. Graham conhecia por inteiro as circunstâncias da situação doméstica dela. Tinha feito comentários acerca das nódoas negras ou do lábio rebentado dela mais do que uma vez. Era sempre tão amável e Tina conseguia sentir-se a começar a hesitar. Graham pegou-lhe no cotovelo e conduziu-a para uma cadeira.

— O que é que ele fez desta vez? — perguntou ele, levantando-lhe o queixo e examinando-lhe o rosto.

— Às vezes odeio-o, Graham, a sério que odeio.

Ele puxou-a para os seus braços e acariciou-lhe o cabelo.

— Tu mereces muito melhor, Tina. Tens 29 anos. Nesta altura devias estar num casamento afetuoso, talvez com uns dois filhos...

Ela afastou-se, perscrutando os olhos dele com os seus manchados de rímel.

— Então, não vieste para ajudar.

— Desculpa. — Graham aconchegou a cabeça dela outra vez. — Conta-me o que se passou.

— Não tens tempo para isto, logo hoje.

Mas Tina sabia que Graham teria sempre tempo para ela. Tinha-se apaixonado por ela no dia em que se conheceram. Tina também o adorava, mas apenas como amigo e figura paternal. Ele era 20 anos mais velho do que ela, e além disso, já tinha uma mulher, e não era do género dela roubar o marido de outra mulher.

— Ele quer que faça uma aposta. — Ela fungou, e Graham tirou um lenço limpo e branco como a cal e deu-lho.

— Nada de novo aí — disse ele. — Ele é um dos meus melhores clientes. E é a Grande Corrida Nacional.

— Foi o que ele disse. Mas isto é diferente, Graham. Ele está a falar de 50 libras!

Até Graham ficou pasmado com o número.

— Onde raio é que ele arranjou esse dinheiro todo?

— Ele roubou-mo — disse Tina, a soluçar.

Graham parecia confuso, como seria de esperar.

— A ti? — perguntou. — Não compreendo.

— Eu tenho estado a poupar, Graham. Para fug... — Parou abruptamente. Não queria ir por esse caminho com Graham agora. Ele tinha-lhe oferecido dinheiro no passado, mas ela tinha recusado. Ainda lhe restava algum orgulho e autoestima. — Não importa porque é que ando a poupar; o facto é que o dinheiro é meu e ele quer que eu o aposte num cavalo da Grande Corrida Nacional. — Ela levantou a voz com a incredulidade da situação.

Graham não sabia como reagir, mas foi o seu lado de apostador que falou primeiro.

— Qual é o cavalo?

Tina olhou para ele, chocada e incrédula.

— Isso interessa? Não vou fazer a aposta.

— Desculpa, Tina. Estava só curioso, só isso. — Ele hesitou. — E se ganhar?

— Não vai ganhar.

— Qual é o nome? — insistiu Graham.

Tina suspirou e enfiou a mão na mala à procura do maço de cigarros, que entregou a Graham. Ele leu o nome e exalou levemente.

— *Red Rum!* — Acenou com a cabeça devagar. — Ele tem hipóteses, Tina, tenho de admitir. É a sua primeira vez na Grande Corrida Nacional, mas pode começar já como favorito. Mas há um grande cavalo

australiano chamado *Crisp*. Acho que também é capaz de ganhar. — Colocou o braço à volta dos ombros de Tina. — Ele tem hipóteses, Tina, mas não há garantias na Grande Corrida Nacional.

Ela inclinou-se para ele, agradecendo o conforto dos seus braços.

— Não vou fazer a aposta, Graham — disse ela baixinho.

Havia uma determinação fria na sua voz que indicou a Graham que seria inútil discutir.

— A escolha é tua, Tina. Estarei ao teu lado, aconteça o que acontecer.

Ela sorriu e beijou-o na bochecha.

— És um bom amigo, Graham. Obrigada.

Graham desviou o olhar, ligeiramente embaraçado.

— De qualquer maneira — disse ele, animado —, nunca se sabe, podes encontrar uma nota de 50 libras no bolso desse fato velho.

Tina fez uma careta de escárnio.

— Existem notas de 50 libras? Nunca vi nenhuma.

Graham conseguiu rir-se.

— É melhor voltar à loja — disse ele. — O Nigel deve estar a imaginar onde me meti.

— Claro. Não te demoro mais. A que hora é a corrida?

— Às 15h15.

Tina olhou de relance para o relógio de pulso. Faltavam apenas seis horas.

— Diz-me se mudares de ideias quanto à aposta.

— Não vou mudar de ideias, mas obrigada.

Quando Graham saiu, Tina voltou a prestar atenção ao saco de roupa que tinha sido deixado à porta da loja. Segurou o casaco do fato no ar outra vez, e lembrando-se das palavras de Graham, enfiou a mão no bolso interior. Sentiu-se de súbito meio parva, mas depois a sua mão tocou em algo que pareceu ser papel e o seu coração começou a bater mais depressa. Tirou-o e virou-o. Não era uma nota de 50 libras, mas um envelope velho e amarelado.

2

Tina alisou o envelope bege e observou-o com curiosidade. Pressionou-o contra o rosto e inalou o cheiro mofado. Estava endereçado à Menina C. Skinner, 33 Wood Gardens, em Manchester. No canto estava um selo postal desconhecido, não com a imagem da rainha Isabel II, mas a de um homem que Tina presumiu ser o rei Jorge VI. Virou o envelope ao contrário e reparou que ainda estava firmemente selado. Olhando de novo para o selo, ficou surpreendida ao ver que não tinha marca postal. Por algum motivo esta carta nunca tinha sido enviada. Abri-la parecia de alguma forma uma invasão horrível de privacidade, como se ela estivesse a cuscar os assuntos de outra pessoa, e ainda assim não era capaz de simplesmente deitá-la fora. A campainha da porta da loja tocou de novo, sobressaltando-a, e ela sentiu o rosto enrubescer inexplicavelmente ao enfiar o envelope na sua mala e cumprimentar o primeiro cliente do dia.

— Bom dia, Sra. Greensides.

— Bom dia, Tina querida. Vim só dar a minha habitual vista de olhos. Alguma coisa nova?

Tina observou o saco de roupa que tinha sido deixado à porta e empurrou-o devagarinho para trás do balcão com o pé.

— Ah, mais tarde talvez. Tenho algumas coisas para organizar.

Ela queria vasculhar bem o saco à procura de pistas sobre de onde poderia ter vindo antes de pendurar as roupas nos cabideiros.

Uma vaga constante de clientes durante a manhã conseguiu fazer Tina esquecer a corrida iminente, mas às três da tarde ela ligou a televisão portátil a preto e branco que havia na sala das traseiras. Os cavalos

estavam a ir até à partida e Tina procurou aquele que iria selar o seu destino. Era fácil de localizar com a sua focinheira grande e peluda, e o jóquei tinha um enorme diamante na frente da camisola que o comentador disse que era amarelo. Os cavalos alinharam-se por trás da fita, irrequietos, ansiosos por partir. Por fim, às 15h15, a bandeira levantou-se e o comentador gritou:

— E partiram!

Tina mal conseguia aguentar ver à medida que se aproximavam do primeiro obstáculo. Até agora, *Red Rum* ainda não tinha sequer sido mencionado pelo comentador. Houve um que falhou no primeiro obstáculo e ela tentou desesperadamente perceber se era ele, mas não, ele passou-o em segurança. Outro falhou no segundo, mas *Red Rum* conseguiu novamente passar, embora estivesse muito atrás. Ela conseguia imaginar Rick em casa agora, a gritar para a televisão, a incitá-lo para acelerar, a cavalgar a poltrona como se ele mesmo fosse o jóquei, com uma lata de cerveja numa mão, um cigarro na outra. Provavelmente nem sequer estava vestido. Quando eles se dirigiam para Becher's Brook pela primeira vez, ela tapou os olhos com os dedos. Não sabia muito sobre corridas de cavalos, mas até ela sabia que este obstáculo era notoriamente difícil e já tinha feito muitas vítimas ao longo dos anos. Julian Wilson estava agora a comentar.

— A passar Becher's, o *Grey Sombrero* está depois do *Crisp* em segundo lugar, *Black Secret* em terceiro, *Endless Folly* em quarto, em quinto lugar está o *Sunny Lad*, em sexto temos o *Autumn Rouge*, em sétimo o *Beggar's Way*, e está fora. O *Beggar's Way* caiu em Becher's.

Tina soltou um enorme suspiro. Não se tinha apercebido de que tinha estado a sustentar a respiração e sentiu-se um pouco tonta. *Red Rum* nem sequer tinha merecido uma menção e ela atreveu-se a relaxar um pouco. Rick não era capaz de escolher o vencedor nem numa corrida de um só cavalo sequer.

A porta da loja abriu-se e Tina disse um palavão baixinho quando foi servir o recém-chegado. Para sua imensa frustração, era a velha Sra. Boothman. A idosa adorava ficar a conversar, e num outro dia qualquer Tina teria tido todo o prazer em fazer-lhe a vontade. A Sra. Boothman tinha uma vida solitária desde que tinha enviuvado, e os seus dois filhos não se davam ao trabalho de visitá-la muitas vezes. Uma chávena de chá e uma conversa casual com Tina eram o ponto alto da sua semana.

— Olá, Sra. Boothman — cumprimentou-a Tina. — Estou ocupada aqui nas traseiras de momento. Não demoro muito. Pode dar uma vista de olhos por aí.

A Sra. Boothman pareceu perplexa e Tina sabia porquê. Ela não precisa de dar uma vista de olhos. Em todo o tempo que tinha visitado a loja nunca tinha comprado uma única coisa.

— Não faz mal, querida. Eu espero aqui até te despachares.

Puxou um banco e largou a mala no balcão.

— Isso é a televisão ligada nas traseiras?

— Ah, sim — disse Tina, sentindo-se culpada. — Estava só a ver a Grande Corrida Nacional.

A Sra. Boothman pareceu surpreendida.

— Não sabia que te interessavas por corridas de cavalos.

— E não me interessa, é só que...

— Fizeste uma aposta? — interrompeu a Sra. Boothman.

— Não! Céus, não — balbuciou Tina. Não sabia bem como chegou ao ponto de ter de dar desculpas à Sra. Boothman.

— Eu nunca joguei na minha vida — continuou a Sra. Boothman. — O meu Jack sempre dizia que era para tolos. Porquê desperdiçar o nosso dinheiro ganho a custo assim dessa maneira?

— Eu não fiz apostas nenhuma, Sra. B. — disse Tina com paciência. — Estou só interessada, só isso.

Ela ficou à porta entre a loja e sala das traseiras por isso ainda conseguia ouvir a televisão. Peter O'Sullivan fazia os comentários.

— O *Crisp* lidera à frente de *Red Rum*, mas o *Red Rum* está a ganhar-lhe terreno.

Ele estava em segundo lugar! Como é que isso tinha acontecido? Tina sentiu-se como se lhe tivessem sugado o fôlego todo.

— Estás bem, Tina? Pareces um pouco pálida de repente — disse a Sra. Boothman.

— Eu est... estou bem.

— Olha, nem sabes o que aconteceu — murmurou a Sra. Boothman em tom de conspiração. — Aquela do número nove... sabes, aquela galderiazinha, como é que se chama?

— Trudy — respondeu Tina, distraída, a tentar ouvir a televisão.

— Essa mesma. Foi apanhada a roubar numa loja em Woolies, ah, pois foi. — Cruzou os braços por baixo dos seios amplos e franziu os lábios, à espera da reação de Tina.

— Oh, a sério?

— É só isso que tens para dizer? — exclamou a Sra. Boothman. Não parecia satisfeita por esta coscuvilhice sumarenta estar a ser recebida com tanta casualidade.

Tina ignorou a indignação da idosa e concentrou-se em Peter O’Sullivan.

— O *Crisp* ainda está à frente com dois obstáculos por saltar ainda na Grande Corrida Nacional. Ele leva 76 quilos no dorso enquanto o *Red Rum*, que está a segui-lo, carrega 66 quilos, e prometem dominar absolutamente a corrida. No penúltimo obstáculo, o *Crisp* salta e afasta-se do *Red Rum*, que está a saltá-lo muito atrás.

Tina agarrou o aro da porta e respirou profundamente.

— Tens a certeza de que estás bem, Tina?

A voz de Peter O’Sullivan continuava implacável ao fundo.

— Estamos a chegar agora ao obstáculo final da corrida e o *Crisp* ainda continua em grande estilo. Salta-o também. Neste momento o *Red Rum* está a cerca de 15 cavalos atrás dele. O *Crisp* está a chegar à curva e tem 228 metros para percorrer.

Tina tinha a certeza de que tinha tomado a decisão certa ao não fazer a aposta. *Red Rum* parecia esgotado, com muito terreno para ganhar agora. Ficou um pouco animada.

— Estou bem. Vamos beber um chá, sim?

Isto deu-lhe um pretexto para ir às traseiras, onde podia ver a televisão. Pôs a chaleira ao lume e pegou em duas chávenas e pires, e depois petrificou em frente ao ecrã. O tom de Peter O’Sullivan tinha mudado.

— O *Crisp* está a começar a perder concentração. Ele tem estado sozinho durante tanto tempo e o *Red Rum* está a ganhar-lhe terreno. Ainda têm um *furlong* para percorrer agora, 182 metros para o *Crisp*, e o *Red Rum* está a ganhar-lhe terreno.

As chávenas começaram a tilintar nos pires enquanto Tina fitava a televisão, horrorizada e incrédula.

— Não! Não! — Foi um suspiro áspero. — Por favor, meu Deus, não.

— O *Crisp* está a ficar muito cansado e o *Red Rum* está a avançar, e o *Red Rum* é o que termina mais forte. O *Red Rum* vai ganhar a Corrida Nacional. Na meta, o *Red Rum* passou à frente do *Crisp* e o *Red Rum* é o vencedor.

Tina sentiu o sangue esvaír-se-lhe do rosto e as suas entranhas desfizeram-se em água quando caiu de joelhos, as chávenas estilhaçando-se

em mil pedaços. Segurando a cabeça latejante nas mãos, estava a tremer como um cão vadio encurralado. As lágrimas ardiam ao escorrerem-lhe pelas faces, e a Sra. Boothman veio às traseiras sem ser convidada.

— Mas o que é que se passa? Tu fizeste uma aposta, não fizeste? — exclamou ela. — O que é que te disse? Jogar nunca traz nada de bom. O meu Jack sempre...

— Por favor, Sra. Boothman. Eu só preciso de ficar sozinha.

Ela enxotou a idosa da sala das traseiras, da loja, para a rua. A Sra. Boothman mal conseguiu falar quando Tina bateu com a porta, trançou-a e virou a tabuleta ao contrário onde dizia *Fechado*. Depois pressionou a testa contra o vidro da porta, agradecendo a sua frescura. Sentia-se como se fosse vomitar e conseguia de facto sentir a bília a subir e os sucos a encherem-lhe a boca. Engoliu a custo e esfregou o rosto. Completamente desesperada, foi para a sala das traseiras e desligou todas as luzes. Precisava de pensar no que fazer a seguir. Rick estaria à espera de a ver em casa com sabe-se lá quanto dinheiro. Ela nem sequer sabia o preço inicial, não tinha pensado que precisaria de saber, e agora isto. Nunca na vida ele a iria deixar escapar impune desta vez.

Tina não sabia quanto tempo tinha estado ali sentada no escuro quando foi sobressaltada por uma batidela na porta da loja. Arregalou os olhos com medo ao pensar que podia ser Rick.

— Estamos fechados — disse ela numa voz alta mas exausta.

— Tina? É o Graham. Deixa-me entrar.

Só me faltava isto, pensou ela. A simpatia e a amabilidade de Graham iam certamente fazê-la perder o controlo.

Ela levantou-se a custo e destrancou a porta.

— Desculpa por não ter vindo aqui mais cedo. Hoje temos andado ali num virote.

— Tudo bem, Graham.

Ele fitou o rosto molhado de lágrimas dela.

— Viste a corrida, não foi?

— Ele vai matar-me — disse ela simplesmente. — Quer dizer, eu acho mesmo que ele me vai matar.

Graham pôs a mão no bolso de trás e tirou um maço de notas.

— Que é isso? — perguntou Tina.

— Quatrocentos e cinquenta libras. Toma. — Ele pressionou o dinheiro na mão dela.

— Não percebo.

— Chiiuu. — Graham pôs o dedo nos lábios dela. — Eu fiz a aposta por ti.

— Tu? — Ela não conseguia compreender. — Mas tu és o apostador, Graham. Não podes fazer apostas contigo mesmo. — Não havia maneira de enganar Tina.

— Eu sei. Eu mandei o Nigel a Ladbrokes.

Tina conseguia sentir o queixo a começar a tremer.

— Fizeste isso por mim?

— Eu tinha um pressentimento em relação àquele cavalo. Não podia arriscar. Havia tanto dinheiro apostado nele, ele começou como favorito de 9/1.

— Mas foi tão renhido, Graham. Ele quase perdeu.

Graham encolheu os ombros.

— Olha, tens aqui 450 libras para dares à sua alteza, e continuas com as tuas 50 libras, por isso toda a gente fica contente.

— Se ele tivesse perdido, tu nunca me terias falado disto, pois não?

Graham abanou a cabeça.

— Mas ele não perdeu. Não vamos perder tempo a falar do que poderia ter acontecido.

— Francamente não sei o que fazer, Graham. Acho que podes mesmo ter-me salvado a vida.

— Vá lá, não sejas tão dramática.

Tina colocou as mãos em concha no rosto de Graham e, puxando-o para si, plantou um beijo firme nos seus lábios.

— Obrigada — disse Tina simplesmente.

Graham corou.

— Não tens de quê. — Depois, com mais seriedade: — Eu faria tudo por ti, Tina, lembra-te disso.

— Não me esquecerei, Graham — disse Tina, ao guardar o dinheiro na mala. — É melhor ir, ele deve estar à espera. Pelo menos vai estar de bom humor para variar.

3

Quando Tina pôs a chave na fechadura da porta de casa, tinha a cabeça a latejar, a boca seca e as mãos tremiam tanto que mal conseguiu virar a chave. Quando entrou no corredor escuro, conseguiu ouvir a televisão. Dickie Davies estava a terminar o jornal desportivo e Rick estava sem dúvida esparramado no sofá, provavelmente a dormir, certamente bêbedo. Ela espreitou para a sala de estar mas estava vazia.

— Rick, cheguei.

— Estou cá em cima — respondeu ele.

Ela vasculhou a mala e tirou o maço de notas, enquanto subia as escadas.

— Na casa de banho — chamou Rick.

Tina empurrou a porta da casa de banho e ficou boquiaberta. Ele tinha feito um maravilhoso banho de imersão com espuma, com litros de água a escaldar. Até tinha acendido duas velas. A condensação escorria pelas janelas e Tina teve dificuldade em ver com o vapor todo.

Ele debruçou-se sobre o banho e rodopiou a mão na espuma.

— Fiz um banho de imersão — explicou ele.

— De imersão? Mas isso custa...

Rick colocou o dedo nos lábios dela para a calar.

— Não tens nada para me dar?

Tina entregou-lhe o dinheiro.

— Eu fiquei com as 50 libras para mim se não te importares.

Ela parecia mais corajosa do que se sentia.

Rick ignorou o tom dela e pressionou as notas no nariz. Respirou fundo e inalou o cheiro a tinta antes de as enfiar no bolso de trás.

— Agora vai tudo ser diferente, Tina, prometo. Olha para mim.

Tina tinha de admitir que ele se tinha arranjado bem. Estava vestido, o que era sem dúvida uma conclusão precipitada para a hora do jantar de sábado, de barba feita, e tinha sido generoso com o perfume. Ela não tinha a certeza, mas ele podia até ter lavado o cabelo. Tinha de admitir que se sentia o cheiro a álcool no bafo dele, mas ele parecia bastante sóbrio.

— Passei completamente dos limites hoje de manhã, Tina. Eu sei disso. Consegues perdoar-me? Estou tão arrependido.

Ele puxou-a mais para si e enterrou o rosto no cabelo escuro e comprido dela. Tina ficou ali rígida. Eles já tinham passado por isto tantas vezes no passado. Ele comportava-se como uma besta horrível, ela ficava chateada, ele enchia-se de remorsos e pedia perdão. Ela afastou-o gentilmente.

— Tu precisas de ajuda, Rick. Com a bebida, isto é.

— Estou bem, Tina. Posso parar quando quiser. Olha... parei agora, acabou.

Tina suspirou e gesticulou para o banho.

— Isto é para mim?

— Claro. Vá lá, deixa-me ajudar-te.

Ele despiu-lhe o casaco pelos ombros e deixou-o cair no chão. Desabotoou lentamente a blusa dela e deixou-a deslizar também ao mesmo tempo que começava a beijar-lhe o pescoço. Tina fechou os olhos quando ele a empurrou gentilmente contra a parede, encontrando a boca dela com a sua. Beijou-a avidamente.

— A água está a ficar fria — disse ela, esquivando-se debaixo dele.

Rick tentou disfarçar a decepção.

— Está bem, amor, desculpa. Olha, toma um longo banho que eu vou fazer chá. Juro, Tina, que mudei. Ganhar este dinheiro é o novo começo de que precisamos. — Ele soava tão plausível, e se Tina não tivesse já ouvido a mesma coisa, poderia ter sido convencida. Mas Rick era um mestre da manipulação de mulheres, uma habilidade que tinha aprendido em tenra idade, e Tina sabia exatamente de quem era a culpa.

Richard Craig era um bebé da guerra, o único filho de George e Molly Craig. Enquanto o pai estava longe a combater pelo país, a mãe dele levou-o para viver no campo com a sua irmã, onde ele estaria em segurança. O pequeno Ricky era adorado pela mãe e pela tia sem filhos

e teve uma infância idílica. Todos os caprichos eram satisfeitos pelas duas mulheres, por isso foi um choque para o menino de três anos quando um dia recusaram dar-lhe um comboio de madeira que ele tinha visto numa loja de brinquedos.

— É muito dinheiro, querido — argumentou a mãe.

— Eu quero-o — exigiu Ricky.

— Se calhar podes tê-lo para os teus anos.

— Quero-o agora. — Ricky cruzou os braços ao peito e fez uma carranca.

A tia interveio.

— O teu aniversário é só daqui a uns meses; não tens de esperar muito tempo.

Ricky não respondeu mas olhou zangado para as duas mulheres impotentes. Depois respirou fundo e susteve a respiração.

— O que é que estás a fazer? — perguntou a mãe.

Ricky ignorou-a e fechou os olhos. As duas mulheres observaram, horrorizadas, o rosto dele a ficar vermelho-vivo e a boca dele a tornar-se lentamente azul. Depois ele desmaiou.

— Faz alguma coisa! — gritou a mãe.

A tia pegou no comboio de madeira e brandiu-o para a empregada da loja assustada.

— Vamos levá-lo.

Quando Ricky recuperou os sentidos alguns momentos depois, a primeira coisa em que os seus olhos se focaram foi no pequeno comboio de madeira. Sorriu para si mesmo. Sabia a partir de então que a mãe e a tia seriam manipuláveis nas suas mãos.

Quando tinha cinco anos, a guerra terminou e o seu pai regressou a casa. Rick começou a escola e, como seria de prever, não gostou nem um bocadinho. Tinha um problema com a disciplina e foi expulso de várias instituições. Quando por fim desistiu da escola aos 15 anos, fez treino de motorista de autocarros e acabou por se qualificar como condutor. A sua aparência morena e melancólica significava que nunca lhe faltava atenção feminina, e tinha uma harmonia amigável com todos os seus passageiros, em especial as mulheres. Os seus únicos interesses, à parte disso, eram os cavalos e os cães. Acompanhava o pai todos os domingos de manhã até à casa de apostas, seguindo-se umas cervejas no *pub*. As quintas-feiras à noite eram sempre passadas na pista de cães Belle Vue. Esta existência monótona parou no dia em que Tina entrou

no autocarro dele. Ele olhou para ela e ambos olharam um para o outro um segundo mais do que era necessário. Rick tinha-lhe dito muitas vezes depois daquele momento que sabia que ia tê-la para ele e nunca mais a largaria.

Tina sentiu-se ligeiramente melhor depois do banho de imersão. O dia tinha-a esgotado física e emocionalmente. As suas pálpebras estavam pesadas com cansaço e os membros pareciam feitos de chumbo. Ela conseguia ouvir a fritadeira na cozinha a borbulhar furiosamente. Não era bem uma refeição *gourmet*, mas pelo menos Rick estava a esforçar-se. Quando ela entrou na cozinha, ele estava a estrelar uns ovos.

— Senta-te, amor — disse ele, puxando uma cadeira. — Não demora muito. Abri uma lata de pêssegos para a sobremesa. Podemos comê-los com leite evaporado.

— Ótimo, obrigada.

— Como é que foi o teu dia na loja? Conseguiste ver a corrida?

— Ah, vi um bocadinho, sim.

— Foi brilhante, não foi? Pensei que ele estava derrotado mas conseguiu mesmo no fim. Aposto que o Graham ficou lixado. Adoro quando o apostador perde dinheiro.

— Bem, ele recebeu imenso dinheiro teu ao longo dos anos.

— Tina, não comeces...

— Não estava a dizer nada.

— Olha, ganhámos a lotaria hoje. Quatrocentos e cinquenta libras. Estava só a ganhar três mil libras por ano nos autocarros. Sabes, devíamos celebrar. Toma conta disto que eu vou ao Manny comprar champanhe.

— Champanhe? Onde é que pensas que estás, Rick? Duvido que o Manny o tenha em stock. Não há muita procura disso por aqui.

Rick baloiçou sobre as pontas dos pés e passou os dedos no cabelo.

— Bem, então aquela outra coisa, cidra ou perada ou o que quer que lhe chamam.

— Rick, não é preciso. Eu não costumo beber e tu deixaste, lembra-te?

Ele hesitou por um momento.

— Bem, quando disse que tinha deixado, não quis dizer completamente. Ainda posso beber uma bebida de vez em quando em ocasiões especiais, e mais especial do que esta não há.

— Tu és um alcoólico, Rick. Não podes beber de vez em quando.

— Agora és especialista, é?

— Na verdade, sim, viver contigo fez de mim uma especialista nos efeitos do alcoolismo.

— Para de dizer essa palavra. Quem és tu para diagnosticar-me como alc... bem, um desses. — Ele vestiu o casaco. — Volto daqui a cinco minutos.

Tina abanou a cabeça. Ele nunca iria mudar. Nem era capaz de dizer a palavra, para não falar de arranjar mesmo ajuda profissional. Ele arrastá-la-ia para o fundo com ele se ela o deixasse.

Os primeiros anos de vida de Tina mostraram ser promissores, o que tornava a situação em que ela se encontrava agora ainda mais desoladora. Como filha única, era excelente aluna, passando no exame dos 11 anos e indo para uma escola secundária clássica. Os resultados dos seus exames estavam entre os melhores que a escola alguma vez conseguira, e tanto ela como a diretora pensavam que se justificava uma educação universitária. Tina tinha esperado estudar inglês e seguir uma carreira em jornalismo. No entanto, o destino tinha outros planos. O seu pai, Jack Maynard, morreu subitamente com 45 anos, e apesar dos protestos da escola e da sua mãe, Tina não hesitou. Deixou a escola de imediato e arranjou trabalho num pequeno escritório de seguros para ajudar a sustentar a família. Os seus deveres eram de subalterna, com um ordenado a combinar, mas ela frequentava a escola à noite, onde aprendeu datilografia e estenografia. A sua perseverança e força de espírito deram frutos e ela subiu de escalão, tornando-se a melhor estenógrafa na empresa. Porém, o trabalho era enfadonho e as horas longas. O ponto alto do dia de Tina era a viagem para casa. O motorista do autocarro 192 era extremamente bonito e cumprimentava-a sempre com um sorriso e uma piscadela de olho. Certo dia, ele reuniu coragem para convidá-la para beber um copo, e a partir desse dia foram inseparáveis. Tina tivera de abandonar os sonhos de uma carreira como jornalista, mas Richard Craig compensaria tudo isso e mais.

Foram para a sala de estar, onde Rick tinha ligado uma barra do aquecedor elétrico. Sem aquecimento central, a casa estava sempre gelada. Rick estava agora a beber o seu terceiro copo de vinho frisante baratucho e começava a arrastar as palavras. Era esse o seu problema.

Ele nunca ficava completamente sóbrio, por isso não era preciso muito para voltar a ficar incoerente. Tina ainda estava a bebericar o primeiro copo. Ela nem sequer gostava de vinho frisanter, e fazia-lhe dores de cabeça.

Rick estava esparramado no sofá a ver *The Generation Game*.

— Já viste prémios mais ranhosos? O que raio é um conjunto de *fondue*, afinal?

— É uma panelinha que aquece molho de queijo e tu mergulhas bocados de pão nele.

— Parece horrível.

— É suposto ser altamente sofisticado.

Rick deu uma palmadinha no sofá ao seu lado.

— Desliga a TV e vem sentar-te aqui, amor.

Tina pousou o copo e aproximou-se para se juntar a ele.

— Ainda há daquilo com borbulhinhas? — perguntou ele.

— Um pouco, sim, mas não achas que já...

— Bebi o suficiente? Não, não acho. Eu estou bem, Tina. Por favor, não sejas tão megera. Vais estragar tudo. Vem para aqui.

Ele puxou-a para os seus braços e tentou beijá-la. Tina franziu os lábios por instinto e ficou rígida.

— Qual é o problema agora? — perguntou Rick.

— Nada. — Ela afastou-o gentilmente. — Eu vou buscar-te a bebida.

Ele agarrou-a pelos dois pulsos e segurou-a com firmeza.

— Isso pode esperar.

Ele empurrou-a de novo para o sofá e pressionou-se em cima dela. Forçou a língua na boca dela e ela quase vomitou. Suplicou que ele parasse mas não conseguia rivalizar com a força dele e não foi capaz de impedi-lo de arrancar-lhe as calças e abrir-lhe as pernas.

— Rick, espera — argumentou ela, a tentar arranjar tempo. — Vamos lá para cima onde é mais confortável.

Ele esbofeteou-a com força na cara.

— Pensas que nasci ontem? Cala-te e goza, sua vaca frígida.

Tina virou a cabeça para o lado e fechou os olhos. Não era a primeira vez que ele forçava, mas ela jurou que seria a última. Tinha deixado isto prolongar-se por demasiado tempo. Precisava de sair dali. A sua vida dependia disso.

Os domingos eram o pior dia da semana para Tina e ela procurava sempre desculpas para sair de casa. Rick tinha passado a noite no sofá,

demasiado bêbedo para cambalear pelas escadas acima, pelo que ela ficou agradecida. Ela estava sentada na cozinha a aquecer as mãos numa caneca de chá e a examinar a pocilga. A casa fedia a comida gordurosa e o conteúdo da fritadeira estava a solidificar numa piscina de água gelada onde Rick a tinha deixado. Ele apareceu à entrada, com o cabelo espetado em ângulos rebeldes e as pálpebras pesadas com sono. Ainda estava vestido com a roupa do dia anterior.

— Onde estão os meus cigarros? — A sua voz estava áspera e ele fez um ronco nojento, batendo no peito ao mesmo tempo.

Tina fez uma careta.

— Bom dia. Eu estou bem, obrigada, e tu?

— Quê? — Ele fez uma pausa. — Ah, ouve, isto é por causa de ontem à noite?

Tina atirou o maço de cigarros pela mesa.

— Toma.

Ele puxou uma cadeira e juntou-se a ela à mesa.

— Dá para beber um chá?

Tina anuiu.

— A chaleira está ali.

Rick chupou uma longa passa no cigarro.

— Tens razão. Eu sou um canalha, mereces coisa melhor. Agora *por favor* faz-me um chá.

— Finalmente fez-se luz.

— Mas a culpa não é só minha — argumentou Rick, em defesa. — Quer dizer, tens de arcar com alguma parte da culpa.

Tina pousou a caneca e abanou a cabeça.

— Como é que isto é culpa minha? Eu disse-te para não comprares álcool ontem à noite depois de teres prometido que não voltarias a beber, mas não, tu é que sabes. Disseste que uma ou duas não fariam mal, que era uma ocasião especial, blá blá blá...

Rick soprou uma nuvem de fumo cinzento no rosto dela.

— Também me lembro de ontem me teres dito para não fazer a aposta. Hum? Quem é que sabia afinal?

— Aquele dinheiro era meu — disse Tina com calma.

— O que é teu, é meu. Somos uma parceria.

— Está bem, dá-me metade do lucro, então.

Rick sorriu com escárnio.

— Isso é meu. Tu não aprovas o jogo, lembras-te?

Era impossível argumentar com ele e Tina já não tinha energia para isso. Quando ela falou, soou mais corajosa do que se sentia.

— Eu vou deixar-te.

A Rick parecia que lhe tinham batido no peito, deixando-o sem ar. Pegou-lhe na mão.

— Fogo, Tina. Eu sei que fui um pouco, ah, entusiástico ontem à noite, mas não há necessidade para seres apressada. Eu amo-te, tu sabes disso. — Ela conseguia sentir o desespero dele. Já tinha visto isto antes. Ele faria e diria tudo nesta altura para a acalmar. O ciclo era tão familiar.

— Não percebes, pois não? Eu tenho medo de ti, Rick. Medo do que me vais fazer a seguir. Estou farta de aparecer no trabalho e ter de mentir sobre as minhas nódoas negras, farta de andar em biquinhos de pés pela casa, farta de viver nesta pocilga gelada e ter de trabalhar imensas horas para pagar as contas.

— Mas...

Tina ergueu a mão.

— Ainda não acabei. Fazes ideia de como é viver com medo? E porque é que eu haveria de viver assim? Sou eu quem nos sustenta. Tu não contribuis nem com um centavo; esgotas as nossas economias e esgotas as minhas emoções.

— Isso é tudo muito fascinante, é! Eu fiz-te o jantar ontem.

— Um prato com ovos e batatas fritas? — zombou Tina. — Se essa é a tua ideia de partilhar as tarefas, estás mais iludido do que eu pensava.

Rick estava agora sem fôlego e tinha os punhos cerrados, mas Tina continuou. Ela nunca lhe tinha feito frente assim desta forma e de repente sentiu-se com poder.

— Precisas de um tipo de ajuda que eu não te posso dar.

Sem avisar ele levantou-se, estendeu o braço sobre a mesa e agarrou-a pelo cabelo.

— Há outra pessoa, não há? Quem é ele? Eu mato-o, e depois mato-te a ti.

Tina olhou fixamente para os olhos dele, desafiadora.

— Não há ninguém, Rick. Não consegues aceitar que estou a deixar-te por causa de *ti*? A culpa é apenas tua.

Ele largou-lhe o cabelo.

— Porque é que me obrigas a fazer-te estas coisas? — disse ele baixinho. — Por favor, Tina, não vás. Eu preciso de ti.

Tina pegou no casaco e agarrou na sua maleta.

— Fizeste as malas? Sua cabra. Há quanto tempo andas a planear isto?

— Oh, não sei. Desde o dia em que me bateste com tanta força na cara que precisei de levar pontos no sobrolho.

— A culpa disso não foi minha, o meu anel apanhou-te...

— Desde o dia em que me esmurraste e abriste-me o lábio, desde o dia em que apagaste o cigarro no meu braço, desde o dia em que me *violaste* pela primeira vez, desde o dia em que roubaste o meu dinheiro para fazer uma aposta. Desde o maldito dia do nosso casamento. Queres que continue?

À medida que ela proferia isto tudo em voz alta pela primeira vez, encontrou uma força interior há muito enterrada, e com isso uma convicção de que a sua sanidade e, sem dúvida, a sua própria sobrevivência dependiam de que saísse dali.

Estava agora no corredor, e ao abrir a porta da rua, ergueu a cabeça e marchou dali para fora sem sequer olhar uma única vez para trás.

— Tina, volta. Desculpa. — Os joelhos de Rick cederam e ele amarfanhou-se no chão.

Era a única coisa que Tina podia fazer para evitar desatar a correr, ao descer a rua de casas em fila. Sentia que podia correr e correr para sempre. E precisaria de o fazer quando Rick descobrisse que ela lhe tinha assaltado o bolso de trás enquanto ele estava a dormir e tinha-lhe tirado os ganhos todos da aposta.

Nesse dia mais tarde, Tina bateu à porta da elegante casa geminada e esperou nervosamente por uma resposta. Uma mulher loira atraente, completamente maquilhada e exibindo carradas de joalharia de ouro, abriu-a.

— Posso ajudá-la?

— Você deve ser a Sheila. Eu chamo-me Tina.

Ela estendeu-lhe a mão, que Sheila ignorou.

— Ah... o Graham está?

— Ele conhece-a?

— Sim, eu sou uma amiga dele. Trabalho na loja ao lado da dele aos sábados.

— Quem é, Sheila? — chamou Graham de algures dentro da casa. Sheila abriu um pouco mais a porta e acenou para Tina entrar.

— Diz que é tua amiga.

— Tina! — exclamou Graham, chegando ao corredor. — O que aconteceu, querida?

Ver o rosto amável e preocupado de Graham fez a voz de Tina vacilar.

— Deixei-o, Graham.

— Oh, céus. Vem cá. — Ele tomou-a nos braços e abraçou-a com firmeza.

Sheila continuou a olhar, perplexa, e Graham virou-se para ela.

— Sheila, podes pôr a chaleira ao lume?

Tina recompôs-se.

— Não é preciso, Sheila, não vou ficar. Só queria que o Graham soubesse o que se está a passar. Ele tem sido um bom amigo para mim, e se não fosse o que fez por mim ontem, não teria sido capaz de sair de casa.

— Ficaste com o dinheiro dele? — perguntou Graham, incrédulo.

Tina conseguiu sorrir.

— Todos os centavos. Encontrei um T0 pequeno para arrendar. Vi-o há umas semanas mas na altura não tinha dinheiro que chegasse. De qualquer maneira, ainda está disponível por isso vou lá. Não é muito mau, a sério. A mobília é antiga e as paredes são tão finas que consigo ouvir o gajo ao lado a mudar de ideias, mas pelo menos é só meu.

— Ele vai andar à tua procura, sabes — disse Graham com severidade.

— Não tenho dúvidas de que vai. Ele sabe onde trabalho, pode também aparecer na loja, mas não me interessa. Ele não me toca com um dedo em público. É demasiado esperto para isso.

— Mas ele pode seguir-te.

— Por favor, Graham. Achas que não sei isso tudo? Porque é que achas que demorei tanto tempo a deixá-lo?

— Desculpa. Precisas de ajuda a fazer as mudanças?

— Saí só com uma maleta pequena por isso não há grande coisa para mudar na verdade, mas obrigada na mesma. Olha, é melhor ir andando. Tenho umas coisas para fazer.

— Se tens a certeza. Eu passo pela loja no próximo sábado. Agora toma conta de ti.

Quando Tina se instalou mais tarde nessa noite com uma chávena de chocolate quente, começou a relaxar um pouco. Estava exausta, por isso

permitiu que a sua cabeça encostasse no sofá e fechou os olhos. Sentiu-se estranhamente vazia enquanto refletia sobre o seu casamento desastroso de quatro anos. Não sabia o que o futuro lhe reservava e isso enchia-a de medo e entusiasmo.

Começou por vasculhar a mala à procura de um lenço de papel, e como não encontrou, sacudiu-a, despejando todo o seu conteúdo no chão. Por cima de todas as coisas que caíram da mala estava a carta que tinha encontrado no bolso daquele fato antigo. A sentir-se incrivelmente intrusa, pegou nela e abriu com cuidado o envelope selado, tentando não o danificar de maneira nenhuma. A caligrafia era suficientemente bonita mas estranhamente infantil, como se o escritor não estivesse acostumado a usar uma caneta. Tina enfiou as pernas por baixo do corpo e começou a ler.

*18o Gillbent Road
Manchester
4 de setembro de 1939*

Minha querida Christina,

Não sou muito bom a fazer este tipo de coisa, como bem sabes, mas neste momento tenho o coração destrocado e isto está a estimular-me. A forma como te tratei ontem foi imperdoável, mas por favor quero que saibas que foi apenas o choque e não refletiu os sentimentos que tenho por ti. Estes últimos meses foram os mais felizes da minha vida. Sei que nunca te disse isto antes, mas eu amo-te, Chrissie, e se me deixares quero passar todos os dias que nos restam juntos a provar-to. O teu pai diz-me que não me queres ver mais e eu não te censuro, mas não se trata só de nós agora — temos de ter o bebé em consideração. Quero ser um bom pai e um bom marido. Sim, Chrissie, esta é a minha forma desajeitada de te pedir em casamento. Por favor, diz que serás minha mulher para podermos criar o nosso filho juntos. A guerra pode separar-nos fisicamente, mas o nosso elo emocional será inquebrável.

*Preciso que me perdoes, Chrissie. Eu amo-te.
Para sempre teu,*

Billy xxx

Ela terminou de ler e tremeu involuntariamente. Embora nunca usasse o seu nome completo, tinha sido batizada Christina também e sentiu uma ligação instantânea com esta Chrissie. Era tudo tão triste. Porque é que Billy não tinha enviado a carta? O que aconteceu a Chrissie e ao bebé deles? Se calhar ela podia tentar descobrir quem eram estas pessoas e entregar a carta ao destinatário legítimo. Pelo menos seria uma distração agradável de todos os seus outros problemas.

**DESCUBRA O BESTSELLER #1
QUE CAPTUROU OS CORAÇÕES DO MUNDO INTEIRO**

Às vezes surge uma história de amor assim, para nos lembrar de que, nas horas mais sombrias, a esperança pode iluminar o caminho.

Billy Stirling sabia que agira como um tolo com a namorada, mas estava preparado para reparar as suas ações. No dia 4 de setembro de 1939, um dia depois de a Inglaterra ter declarado guerra à Alemanha, ele sentou-se para escrever a carta que, esperava ele, iria mudar o seu futuro. E mudaria... mas de maneiras que ele nunca poderia imaginar.

Tina Craig anseia por escapar às garras do seu marido violento. Trabalha até à exaustão para poupar dinheiro suficiente que lhe permita deixá-lo, ao mesmo tempo que presta voluntariado numa loja de caridade para evitar o seu lar infeliz. Um dia, ao percorrer os bolsos de um fato em segunda mão deixado na loja por um homem idoso, encontra uma carta antiga, selada e por abrir. Tina abre a carta e lê-a, uma decisão que afetará o rumo da sua vida.

A Carta traz-nos a história de duas mulheres, nascidas com décadas de diferença uma da outra, cujos caminhos estão destinados a cruzar-se, quando a perdição de uma delas conduz à salvação da outra.



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

2019 setembro

ISBN 978-989-8800-80-0



9 789898 800800

Ficção Romântica